

## **A luz perturbadora: *chiaroscuro* em *Lavoura arcaica***

Cláudia Ayumi Enabe<sup>167</sup>

### **Resumo**

O projeto, o qual conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo para sua realização, propõe uma leitura analítico-interpretativa de *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar. Seu objeto é investigar o par claro-escuro como relevante elemento estrutural para a constituição de significações no romance. Na obra estudada, encontram-se em disputa pela regência da ordem familiar duas perspectivas distintas: a do chefe da família e a de seu filho subversivo, André, o narrador-protagonista. A visão de mundo paterna fundamenta-se na dicotomia luz e trevas, em um princípio de oposição entre os valores responsáveis pela manutenção da ordem familiar, representados pela claridade, e os antagonistas à manutenção da “catedral” doméstica, correspondentes às trevas. Para o filho, a dualidade silencia as várias possibilidades interpretativas contidas nos objetos sobre os quais recaem as reflexões do pai. Em meio à narração hermética de André, os limites (que as normas paternas tentam tão bem delimitar) dissolvem-se. A pesquisa do confronto interpretativo, plano fundamental para a configuração do embate entre pai e filho, acerca da relação luz-sombras permite desvelar as contradições desses dois entendimentos tensionados no romance. André percebe que os enunciados são passíveis de diversas interpretações, não sendo dotados apenas da verdade unívoca que quer o pai lavrar na consciência dos membros da família. O filho pródigo nassariano narra a versão infame da história familiar, a qual não apresenta apenas a bem-aventurança daqueles contemplados pela “luz doméstica”, mas também – em um jogo de luz e sombras – a perturbação de quem, “tenebroso”, foi proscrito por ela.

### **Palavras-chave**

*Lavoura arcaica*; memória; chiaroscuro

---

167 Cláudia Ayumi Enabe é graduanda em Letras, com habilitação em Português e Linguística, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), onde realiza iniciação científica, junto à área de Literatura Brasileira, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sobre o romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar.  
E-mail: claudia.enabe@usp.br.

Em *Lavoura arcaica*, à mesa, o patriarca semeia na consciência de seus dependentes os valores que sustentam e defendem a estrutura familiar. Em seus sermões, apresentam-se aos filhos as virtudes prezadas, as ações a serem praticadas para se restabelecer a ordem em tempos de crise, e os interditos – estes últimos correspondentes aos principais responsáveis por manter erigida a “catedral” doméstica. O discurso paterno elabora-se, sobretudo, pela repetição de fórmulas negativas. É frequente a expressão constituída por duas formas de negação “ninguém em nossa casa há de...nunca...”, como em “ninguém em nossa casa há de cruzar os braços quando existe a terra para lavrar, ninguém em nossa casa há de cruzar os braços quando existe a parede para erguer” (NASSAR, 2014, p. 56). Esses enunciados possuem sua força-motriz no estabelecimento daquilo que deve ser evitado pelos membros da família, ou seja, a fala do pai visa erguer a cerca de sebe viva “cerrada e pujante, que divida e proteja a luz calma e clara da nossa casa, que cubra e esconda dos nossos olhos as trevas que ardem do outro lado” (ibid., p. 54). A razão do patriarca desenvolve-se, aparentemente, por uma apologia a essa luz doméstica cuja função, assim como no livro de Gênesis, é de delimitar, impedindo a propagação da ambiguidade acarretada pelas trevas. A claridade permite que os membros do corpo familiar possam distinguir quais são seus lugares, seja à mesa (repartida entre o galho direito e o esquerdo), na divisão do trabalho (há quem prepare o pão, pastoreie ou lave) ou em função do papel familiar (pai, mãe, irmã ou irmão). As posições de cada um são estabelecidas previamente por uma existência regulada pelo ciclo do labor na lavoura, sempre entre o semear e a colheita.

André, o “tresmalhado”, busca desvelar as incongruências da palavra paterna. Os limites, na voz desse “acometido”, são dissolvidos: personagens (con)fundem-se, tempos imiscuem, pessoas e coisas transmutam-se, escassas são as pontuações a dividir os períodos. Ao negar a delimitação em sua narrativa, tecida hermeticamente, o filho pródigo nassariano parece aderir às trevas. Entretanto, a oposição entre luz e sombras revela-se o fundamento da visão de mundo cultivada pelo patriarca. O narrador-protagonista engaja-se em um projeto mais profundo do que meramente opor-se àquilo que o pai considera virtuoso – André busca, antes, desvelar a inocuidade da concepção paterna, subvertê-la, apresentá-la como *lavoura arcaica*, isto é, enquanto um modo de apreender os acontecimentos incapaz de abranger os seus múltiplos significados. O dicionário *Houaiss* apresenta duas definições para *arcaico*: “muito antigo” ou “ultrapassado, obsoleto”. Compreender o adjetivo

“arcaico” somente pela primeira acepção pode tornar estático o processo de recuperação do passado que é a narrativa do filho pródigo. Para este, revisitar o passado torna presente o arcabouço de valores pregado pelo patriarca, já morto quando o filho se põe a rememorar, fato sugerido pelo último capítulo, o qual se inicia como uma homenagem póstuma ao pai: “Em memória de meu pai...” (ibid., 2014, p. 193). A composição do discurso narrativo nega uma leitura que entenda as lembranças do autor como simples desejo nostálgico de retorno a um tempo ido, mas recontar a história da destruição familiar parece um esforço para provar o fracasso do conjunto de valores disseminado pelo patriarca. A *lavouira*, segundo esta compreensão do romance, é *arcaica* uma vez que, para o narrador-protagonista (ou melhor, um narrador-memorialista), as sementes ideológicas lavradas pelo pai não mais germinam. Para André, os valores reiterados pela fala paterna são, de fato, “ultrapassados, obsoletos” ao não possuírem abrangência, isto é, ao não abarcarem diversos pontos de vista. Esse “epilético” empreende a busca por um *chiaroscuro*, uma relação dialética entre sombras e luzes a qual não se constitui possibilidade frente aos princípios familiares, pois, a estes últimos, vincular-se a um dos polos significa renegar o outro. Ele, ao contrário, pretende demonstrar o quanto “toda ordem traz uma semente de desordem, a clareza, uma semente de obscuridade” (ibid., p. 158), o fato de os valores determinados pelo pai serem expressões de uma perspectiva particular, não a verdade unívoca. Veja-se que a “luz doméstica” (segundo os valores paternos, representação da bem-aventurança familiar) reverte-se em admoestação para um dos membros da família: “essa claridade que passou a me perturbar, me pondo estranho e mudo, me prostrando desde a puberdade na cama como um convalescente” (ibid., p. 26).

A defesa do comedimento, expressa nos enunciados proibitivos da fala paterna, relaciona-se justamente ao temor de que os limites, diante do gozo gerado pelo excesso, possam se desfazer. Quando o claro e o escuro encontram-se em coexistência, a razão dicotômica não consegue imperar. Segundo observa Azevedo, “é num momento de indecisão entre luz e sombra, por exemplo, que o círculo familiar fechado e autossuficiente pode ser rompido por parentes e amigos próximos” (2015, p. 85). Esses são os instantes nos quais as fronteiras diluem-se: aquilo que seria passível de ser punido torna-se condutor da celebração, a cabra Schuda torna-se cortesã, e o corpo passa a ser pão. O crepúsculo e o amanhecer proporcionam a possibilidade de, feito Ana ao varar a roda de dançarinos, cindir a circunferência

estabelecida pela norma. Quem provoca a ruptura são os membros do galho esquerdo, o qual “trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco” (NASSAR, op.cit., p. 155). O ramo enxertado possui a prodigalidade como uma de suas características essenciais: são “generosos com seus próprios corpos”<sup>168</sup>, atributo vigorosamente oposto à austeridade construída pelas interdições do discurso paterno. Esses *gauches* provocam cisões dentro desse círculo que a retórica do pai tenta tão bem traçar. Considere-se, por exemplo, o excesso afetivo da mãe ao afagar o filho, André, pelas manhãs; os desejos de evasão cultivados pelo caçula, Lula; a fuga do próprio protagonista; a impaciência com a qual Ana invade a dança durante a festa. Sobre esses personagens, pode-se pensar, em consonância com a voz do narrador, que eles iniciam a “demolição da casa”<sup>169</sup>, concretizada com a ação impetuosa do próprio pai, o qual acaba por contrariar os princípios por ele defendidos ao determinar a morte da filha.

---

168 Lula, o filho caçula, ao expor para André seus devaneios de errância, clama: “quero fazer coisas diferentes, ser generoso com meu próprio corpo, ter emoções que nunca tive” (ibid, p. 178).

169 Em sua longa exposição ao irmão mais velho, André afirma ser possível que, no momento de sua partida, dissesse à mãe, “eu e a senhora começamos a demolir a casa” (ibid, p. 66).

## **Referências bibliográficas**

AZEVEDO, Estevão Andozia. *O corpo erótico das palavras: um estudo da obra de Raduan Nassar*. 2015. 210 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Da cólera ao silêncio. In: *Cadernos de literatura brasileira*: Raduan Nassar. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2001. p. 61-77.

PINTO-SEDLMAYER, Sabrina. *Ao lado esquerdo do pai*. 1995. 122 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

RODRIGUES, André Luis. *Ritos da paixão em Lavoura arcaica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.